

O CPM, ÂMBITO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Gaspar Mora

INTRODUÇÃO

No processo das nossas Jornadas, demos dois passos. Primeiro, analisámos os valores e contravalores do nosso mundo, especialmente dos jovens e, em segundo lugar, reflectimos sobre a missão evangelizadora da Igreja à luz do Sínodo sobre a Nova Evangelização e da exortação apostólica do Papa Francisco *Evangelii Gaudium*. Agora vamos-nos debruçar sobre a missão evangelizadora do CPM com os jovens que se abeiram do matrimónio. É a altura para aplicar ao nosso trabalho o que dizem o Sínodo e o Papa, e ao mesmo tempo é o momento para formular a nossa experiência já longa neste campo como contributo do CPM à busca global da Igreja. Recorda-o o mesmo Papa Francisco: “As outras instituições eclesiais, comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e sectores. Frequentemente trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja” (EG 29). Digamos desde já algo importante. Não pensamos só nos noivos que se abeiram da Igreja. Temos em mente também, e talvez sobretudo, os nossos filhos, netos, sobrinhos, as pessoas que amamos e que de uma maneira ou doutra respondem às características do nosso mundo e podem estar afastados da fé e da Igreja.

1 - A MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

Recordemos o que é a evangelização como missão da Igreja. É o anúncio do Evangelho de Jesus para que as pessoas e o mundo de hoje creiam n’Ele e vivam segundo a Palavra e o Espírito do Evangelho. Poderíamos dizer que há dois pólos. Por um lado está a Igreja, as comunidades cristãs, enviadas a anunciar a mensagem do amor de Deus a todos, da salvação de Jesus Cristo, nosso Senhor. E por outro lado estão as pessoas de hoje, os homens e as mulheres que recebem a mensagem e são chamados a acolhê-la e a vivê-la.

Recordemos o centro da mensagem cristã que a Igreja é chamada a anunciar. É a mensagem do amor misericordioso de Deus que ama a todos e se dá a todos como vida e salvação nossa; é o mistério da Pessoa e da Palavra de Jesus, que morreu e ressuscitou

para a salvação de todos; é o anúncio da vida humana no Espírito de Deus, vida de amor, de paz, de justiça, de perdão, de alegria, de liberdade, de fé. A mensagem cristã não está apenas centrada em Deus, na Ressurreição de Jesus Cristo ou na Eucaristia; é também fundamentalmente a mensagem sobre o amor, a paz, o diálogo, o serviço, a justiça entre os homens, num mistério único que tem no centro Jesus, nosso salvador.

Dissemos que podemos falar de dois pólos; por um lado, a Igreja que anuncia a mensagem, e por outro, as pessoas de hoje que a recebem. Pois bem, o pólo mais importante é o segundo. A Igreja anuncia Jesus Cristo, o seu Espírito e a sua mensagem, não só para cumprir um dever ou para que o mundo a escute, mas para que o mundo e as pessoas de hoje a recebam, a entendam, a amem e a vivam. A grande preocupação da Igreja não é que ela cumpra bem a sua missão; a sua preocupação é que o mundo e as pessoas reais acolham a mensagem evangélica e a vivam. A sua missão não está centrada em si mesma, a sua missão é que as pessoas reais vivam o Evangelho.

2 - UMA ABERTURA ACOLHEDORA AO MUNDO ACTUAL

A atenção ao mundo real deve começar por um conhecimento das pessoas impregnado de simpatia. Já desde o início, o CPM insistiu na aceitação dos jovens tal como são e como se apresentam à Igreja. Cada pessoa e cada casal deve ser acolhido tal como é. Esta foi já a atitude do Concílio Vaticano II, seguindo João XXIII, no seu Documento sobre o diálogo entre a Igreja e o mundo, *Gaudium et Spes*, e repetiu-a o Papa Francisco, que fala da Igreja como “uma mãe de coração aberto” (EG 46).

Estar abertos à realidade requer um esforço constante para conhecer o mundo e as pessoas de hoje, feito a partir da simpatia. A Constituição *Gaudium et Spes* do Vaticano II, há 50 anos, falou do lugar e da atitude da Igreja perante o mundo de hoje. Pois bem, dedicou sete longos números da Introdução a fazer uma análise deste mundo, das suas características, das suas conquistas e fracassos, das suas esperanças e das suas interrogações. Também a *Evangelii Gaudium* fala longamente dos “Desafios do mundo actual” (EG 52 – 75). Analisar a partir da simpatia não é tudo aprovar. Mas se merece denúncia e condenação deve fazer-se a partir da compreensão e do interesse.

É mais; o conhecimento e a aceitação do mundo de hoje não é só um olhar sociológico mas uma atitude cristã de fé. É preciso ver na maneira de ser do nosso mundo a marca do Espírito de Deus. Saber reconhecer nos aspectos de generosidade, de justiça, de procura da paz, de amor real, a obra de Deus entre os homens de hoje, e discernir os aspectos negativos, fruto do egoísmo e do orgulho. Diz a *Evangelii Gaudium*: “É preciso esclarecer o que pode ser um fruto do Reino e também o que atenta contra o projecto de Deus” (EG 51). O que há de positivo, de construtivo, de autenticamente humano, é obra já do Espírito de Deus que vai abrindo o caminho da vida, também hoje. São os “sinais dos tempos” que a Igreja é chamada a discernir e fomentar. São marcas do Evangelho no nosso mundo pós-cristão. Durante séculos o Evangelho de Jesus ressoou na nossa velha Europa. Agora socialmente declara-se não cristã, mas ficam muitos restos positivos na nossa riqueza cultural e na nossa maneira de ser que é preciso reconhecer e fomentar. Diz Francisco, o bispo de Roma: “Significaria não ter confiança na sua acção livre e generosa (do Espírito Santo) pensar que não existem autênticos valores cristãos, onde uma grande parte da população recebeu o Baptismo e exprime de variadas maneiras a sua fé e solidariedade fraterna” (EG 68).

A Igreja e todos nós somos chamados a reconhecer estas características do nosso mundo, da nossa gente, dos nossos jovens, de nós mesmos como pessoas de hoje, em que devemos discernir a passagem do Espírito entre nós. Vou sublinhar algumas destas características que creio importantes na nossa missão evangelizadora entre os noivos.

2.1 - A diferente atitude ante a mensagem dogmática e a mensagem ética

Talvez a primeira característica que aparece hoje é a diferença clara para o nosso mundo entre a mensagem religiosa ou dogmática do cristianismo e a sua mensagem ética. Relativamente à primeira, o nosso mundo sente-se perplexo, duvidoso, afastado; quanto à segunda, em geral, sente mais proximidade, e inclusive simpatia e aceitação. Nisto, como em muitas coisas, os que se abeiram do matrimónio reflectem a atitude global da nossa sociedade. Em geral, as pessoas de hoje aceitam a mensagem evangélica do amor, da justiça ou da liberdade, embora não tanto a da pobreza ou do perdão; pelo contrário, sentem-se afastadas ou negam a fé cristã em Deus Pai, a divindade de Jesus Cristo, a Ressurreição ou a Igreja. É interessante reflectir sobre as causas desta atitude, que se

fundamenta sem dúvida no espírito da modernidade, na importância da razão lógica, na secularização, na rejeição de qualquer visão transcendente da realidade.

Perante isto, é preciso pôr em relevo que na mensagem evangélica, tão importante é a afirmação dogmática sobre o amor de Deus ou a Ressurreição de Jesus Cristo, como a acentuação ética sobre o amor, a justiça ou a paz. E que no fundo, já na mesma mensagem de Jesus e nos primeiros passos do cristianismo, o critério de autenticidade da confissão da fé dogmática é a coerência moral de toda a vida no amor e na generosidade. Diz a primeira carta de S. João: “Se alguém diz: ‘Amo a Deus’ e odeia o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê” (1Jo 4, 20).

2.2 - Uma atitude negativa ante a moral sexual e do casal

Referindo-nos ao campo moral, uma segunda característica bastante comum é a atitude negativa relativamente às posições da Igreja no tema da sexualidade e do casal. É costume comentar que a Igreja deve pôr em dia a sua doutrina moral segundo a maneira de ser do nosso mundo. Esta frase refere-se quase exclusivamente à sua moral sexual e matrimonial. Normalmente costuma-se aceitar o discurso moral da Igreja quando fala das relações internacionais, da guerra, da justiça, da equidade no mundo da empresa ou das finanças, da atenção ao terceiro mundo, do drama dos emigrantes ou do desafio dos socialmente marginalizados. É quase exclusivamente no âmbito da moral sexual e matrimonial que o nosso mundo não costuma aceitar as posições da Igreja.

E ainda neste tema, para avaliar adequadamente a nossa gente e os nossos jovens, é preciso sublinhar que as reticências à moral da Igreja não se devem à rejeição da mensagem evangélica mas à dificuldade para compreender as normas morais da Igreja. A maneira como hoje se entende e se vive a sexualidade e o casal torna difícil compreender a doutrina da Igreja nestes temas.

2.3 – A valorização da autonomia e da liberdade

Todavia é conveniente sublinhar uma terceira característica do nosso mundo. Nos temas da fé e da moral não se aceitam as imposições da Igreja nem de ninguém, sobre a

maneira de pensar e de viver. Cada pessoa exige liberdade e autonomia na sua maneira de entender a vida e de a viver. O nosso mundo não aceita imposições nestes campos. Provavelmente esta é também uma consequência do processo da modernidade, que valoriza acima de tudo a dignidade de cada pessoa e a sua liberdade.

Não podemos prosseguir na análise do nosso mundo, mas é interessante e necessário fazê-lo constantemente. O nosso trabalho com os noivos deve ter sempre em conta a sua maneira de ser, que corresponde à maneira de ser do nosso mundo sociocultural, e este está em evolução constante.

3 - A EVANGELIZAÇÃO COMO ACOMPANHAMENTO DA CAMINHADA DAS PESSOAS

Perante um mundo assim, como deve realizar o CPM a sua missão evangelizadora? É claro que não é só o CPM que coloca esta questão. É toda a Igreja que está perante o desafio da maneira de entender e de realizar a sua missão evangelizadora. O que o CPM reflecta e proponha é o nosso contributo para a missão da Igreja actual.

3.1 – O objectivo último da missão eclesial

A primeira coisa que todos devemos fazer é fixar a meta para a qual tende a missão evangelizadora da Igreja. É preciso que todos aprendamos a formular o que é que pretende realmente a acção missionária da Igreja. Já sublinhámos que o que a Igreja pretende não é simplesmente anunciar uma mensagem e assim dar por cumprida a sua missão. Que objectivo tem a nova evangelização dos noivos, dos nossos familiares, do nosso mundo? Ponhamos em destaque alguns objectivos que costumam estar presentes nos nossos trabalhos pastorais: que conheçam Jesus Cristo, que creiam na existência de Deus, que se encontrem bem na Igreja, que assistam regularmente à Eucaristia, que tenham confiança em Deus, que amem o próximo, que cumpram as normas da Igreja, que projectem um matrimónio e uma família cristãos, que aprendam a rezar, que sejam bons cristãos, que participem na vida da Igreja.

Todos estes objectivos são bons, sem dúvida. São diversos aspectos do conjunto que a Igreja pretende com a sua missão. Mas mostram algo importante; no fundo, o que é

mais decisivo, o núcleo do cristianismo que a Igreja e o CPM são chamados a promover. Já o papa Francisco o sublinha: “Uma pastoral em chave missionária (...) concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário.” (EG 35). Este último objectivo provavelmente nunca se chegará a alcançar, mas deve marcar e iluminar os passos que devemos dar.

Creio que podemos formular assim a finalidade última da evangelização: que cada pessoa viva um processo e uma experiência pessoais, que viva a experiência do amor de Deus e do amor generoso e eficaz ao próximo. É uma experiência pessoal do amor, que tem estas duas dimensões; o amor confiante em Deus e o amor generoso para com todos. O objectivo da evangelização é a fé e o amor vividos por cada pessoa, por cada comunidade. Tudo o mais pode ser muito importante, mas deve ser entendido em função deste objectivo principal.

E agora, é preciso formular a questão que aqui nos trouxe. Para conseguir este objectivo último, ou pelo menos para dar passos positivos nesta direcção, qual deve ser o trabalho da Igreja, quer dizer, qual é o trabalho próprio da missão evangelizadora das comunidades cristãs e do CPM?

3.2 - Uma atitude de acolhimento e de aceitação incondicional

Sublinhemos, antes de mais, a atitude básica dos agentes da evangelização, quer dizer, de toda a Igreja. As pessoas pensam como pensam e vivem como vivem. A primeira condição para que se aproximem do Evangelho é aceitá-las tal como são. É a primeira manifestação do amor cristão. Os que se aproximam da Igreja devem encontrar uma aceitação sem condições. Sobretudo tendo em conta que provavelmente esperam ou receiam encontrar atitudes reticentes ou exigências de todo o tipo.

Recordemos o que dissemos no início. Esta atitude não corresponde só a uma boa educação, sempre necessária. Corresponde a uma maneira de ser que o Concílio e o Papa sublinham. O nosso mundo pede um olhar de fé. As características dos que se aproximam são “sinais dos tempos”, nos quais é preciso discernir. Os aspectos positivos são marcas da passagem do Espírito, embora estejam misturados com outras dimensões mais problemáticas. Aceitar as pessoas como são, os jovens, as pessoas da nossa

família, todos, que talvez se sintam afastados, é reconhecer neles a obra de Deus que os ama e os impulsiona para a vida, como a nós e a todos. O que há neles de honestidade, de espírito de paz, de atenção, de generosidade, de desprendimento, de amor, é obra do Espírito que é preciso reconhecer e fomentar.

3.3 - O objetivo do trabalho diário: propor e acompanhar.

O objectivo do acolhimento não é que os casais se sintam bem na Igreja. Isto é importante mas não é o decisivo. A Igreja acolhe para anunciar o Evangelho de Jesus, para propor o amor de Deus e o amor ao próximo. E este anúncio quer originar nos que o recebem um caminho, um processo, um crescimento, a partir do ponto onde se encontra cada um até à experiência pessoal do Espírito evangélico, da vida cristã.

Este é um processo pessoal; é o que o cristianismo chama o caminho da salvação e da vida. Descobrir o que há em nós de autêntico e o que há de desumano para começar em cada dia o caminho de aproximação pessoal ao Espírito do amor, da paz, da liberdade, da confiança em Deus, do seguimento de Jesus Cristo. Este é o processo do amor e da fé. É um caminho de crescimento de cada pessoa, que ninguém pode suplantar, um caminho a que todos somos chamados, nas convicções interiores e na fidelidade da maneira de viver. É o mistério de cada pessoa perante Deus e perante si mesma.

O que a Igreja é chamada a fazer é acompanhar este processo. O Papa Francisco insiste no acompanhamento: “Portanto, sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia” (EG 44); e chega a falar da “arte do acompanhamento” (EG 169). No fundo, tudo na Igreja tem este objectivo, especialmente os seus elementos centrais: a proclamação do Evangelho, a celebração da Eucaristia, a organização e a vida eclesial. Tudo na Igreja, também a acção dos que somos chamados a evangelizar, tem a missão de acompanhar, ajudar, fomentar o processo inalienável de cada pessoa na sua fé e no seu amor, verdadeiro lugar da obra do Espírito de Deus em nós.

4 - UN CLIMA DE DIÁLOGO RESPEITOSO

E agora expressemos o que é a nossa experiência e a nossa convicção como CPM. A melhor maneira, a mais adequada, a mais nobre, para promover este caminho pessoal e acompanhá-lo é o diálogo. Cada um dos noivos que acolhemos e dos membros da nossa família, cada um daqueles a quem a Igreja anuncia o Evangelho, são pessoas, com a sua maneira de ser e as suas convicções. A forma de ajudá-lo a crescer, de acompanhá-lo num caminho que somos todos chamados a percorrer, é fazê-lo num clima de diálogo. O Papa Francisco fala de um trabalho “De pessoa a pessoa” (EG 127); “Nesta pregação, sempre respeitosa e amável, o primeiro momento é um diálogo pessoal, no qual a outra pessoa se exprime e partilha as suas alegrias, as suas esperanças, as preocupações com os seus entes queridos e muitas coisas que enchem o coração. Só depois desta conversa é que se pode apresentar-lhe a Palavra” (EG 128).

Para o CPM, o diálogo não é uma conversa de amigos à mesa do café. Precisamente o diálogo com os noivos é um dos aspectos que definem a natureza mesma do CPM e do seu trabalho pastoral, é um dos temas que mais ocupou as nossas horas de reflexão. Vou tentar formular três dos aspectos importantes que constituem a maneira como o CPM entende o diálogo.

4.1- Um diálogo que parte da maneira de ser dos casais

Acolher cada pessoa e cada casal tal como é comporta também ajudá-lo a formular as suas atitudes, as suas convicções, as suas experiências. O diálogo parte do que vivem, do que pensam, do que experimentam. Este ponto de partida ajuda, sem dúvida, a despertar o seu interesse e a sua participação nos encontros, mas é sobretudo para ajudá-los a descobrir como são e como vivem. Num diálogo tranquilo e respeitoso é possível que cada um vá descobrindo e aceitando os aspectos positivos e também os negativos da sua vida. São passos importantes no “conhece-te a ti mesmo” dos clássicos, assumido também no chamamento evangélico: “Arrependei-vos e acreditai” (Mc 1, 15).

Apliquemos agora o que dissemos antes. O diálogo tem um duplo aspecto: partir do que há em cada um de positivo, de amor, de generosidade, de espírito de paz, para torná-lo consciente, purificá-lo, fomentá-lo, fazê-lo crescer em experiência pessoal e em

fidelidade vivida; e partir do que há de negativo em cada um e no nosso mundo, o que há de egoísmo e de violência, para superá-lo e corrigi-lo.

4.2 - Um diálogo que propõe a mensagem evangélica

A reflexão sobre a vida real deve levar à procura da maneira adequada de viver, de se relacionar com o outro, de realizar o casal e a família. Acompanhar significa despertar o interesse pela verdadeira vida. Como se deve reagir, como se deve viver, como se deve amar. Aprender a viver é aprender a buscar a vida autêntica; e ensinar a viver é ensinar a procurar. Aqui ressoa o Evangelho: “Quem procura, encontra” (Mt 7,8). Jesus não disse a mesma frase a partir de uma perspectiva negativa, mas é igualmente verdade: quem não procura, não encontra nada.

Num clima de diálogo, no qual se despertou a busca da vida autêntica, pode ter lugar a proposta do Evangelho sem que dê a sensação de que “dizem-no porque é a sua missão profissional”. Esta é a experiência fundamental do CPM. Quando umas pessoas dialogam, na aceitação e no respeito mútuos, pode despertar o interesse pelo bem e podem valorizar a proposta de vida que faz o Evangelho de Jesus: a vida de amor, de serviço, de entrega, de generosidade, de perdão, de comunhão com o Espírito de Jesus, de confiança em Deus.

A proposta do Evangelho é ao mesmo tempo iluminadora e interpeladora; atrai e exige; propõe sem imposições e ao mesmo tempo desperta o sentido de uma grande exigência, a de uma vida pessoal e familiar verdadeiramente plena e satisfatória.

4.3 – Um diálogo sempre respeitoso

Cada pessoa tem a sua própria velocidade. O processo de cada um deve ser sempre respeitado. No diálogo, cada pessoa defronta-se com a sua vida e com o dom de Deus, e cada uma dá a sua resposta, no momento de dialogar ou depois na sua vida real. É o processo de cada pessoa no amor e na fé.

Mas há mais. No caminho da vida cristã há diversos aspectos nos quais a mesma pessoa pode ter velocidades distintas. Pode ser diferente o processo de uma pessoa no caminho

em direcção ao amor, à generosidade ou à aceitação do Evangelho, e o caminho, por exemplo, em direcção a uma participação na Eucaristia e na vida da Igreja. Esta pode ser a situação de muitas pessoas que conhecemos e que amamos; podem ter uma atitude mais ou menos próxima do Espírito do Evangelho e pelo contrário estar muito afastadas da Eucaristia ou inclusivamente da confissão da fé. Diz a *Evangelii Gaudium*: “Vemos assim que o compromisso evangelizador se move por entre as limitações da linguagem e das circunstâncias (...) Um coração missionário está consciente destas limitações, fazendo-se «fraco com os fracos (...) e tudo para todos» (*I Cor 9, 22*). (...) Não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada” (EG 45). Todos sabemos o que significa hoje falar do “bem possível”, na nossa relação com os de casa, com os membros da paróquia, com os jovens, com nós mesmos. O bem “total” às vezes – talvez sempre – é impossível; mas há um “bem possível” que é o que cada um é chamado a fazer.

No processo da caminhada das pessoas em direcção à fé e ao amor cristãos, há um passo que hoje se torna especialmente difícil para muitos. Já o citámos como uma característica do nosso mundo. É a confissão de um Deus Transcendente, de Jesus Cristo como Filho de Deus, da ressurreição ou da Vida eterna. Este é um dos desafios mais delicados da nova evangelização. É, provavelmente, a dificuldade de um mundo muito técnico e ao mesmo tempo muito decepcionado, que só acredita no que se pode experimentar. Provavelmente realiza-se aqui o que acabámos de dizer sobre as diversas velocidades e sobre o “bem possível”. Hoje em dia, muitas pessoas que são amigos, familiares nossos, ou os jovens que se casam, podem e devem avançar num processo de aproximação ao Espírito do Evangelho de Jesus, mas é-lhes muito mais difícil o caminho em direcção à confissão da fé em Deus ou na Ressurreição, e podemos suspeitar que nunca na sua vida assistirão regularmente à Eucaristia ou professarão a fé em Deus. Creio sinceramente que este é um dos sofrimentos da Igreja de hoje, especialmente da nossa Igreja europeia. O perigo para nós é simplificar a questão e considerar que estão longe do Evangelho e da fé. À luz do mesmo Evangelho, devemos pensar que o que conta perante Deus, para eles e para todos, é a fidelidade vivida no amor generoso, inclusive até ao sacrifício, e que precisamente esta fidelidade é a que, talvez a longo prazo, possa abrir o caminho à aceitação de Jesus e da sua mensagem.

5 - O CONTRIBUTO DO CPM PARA A REFLEXÃO DA IGREJA

Reflectimos sobre o CPM como âmbito da nova evangelização, a partir da sua experiência de acolhimento, de acompanhamento e de diálogo. Pois bem. Cremos que este é um bom contributo para a reflexão da Igreja. Toda ela procura os caminhos de uma nova evangelização para o nosso mundo pós-cristão, afastado da Igreja e da fé, que tem a pessoa e a sua liberdade como referência indiscutível, que professa os direitos humanos, que vive um processo muito complexo de secularização, que busca a satisfação e o conforto, num momento de crise geral. A esta evangelização se dedicou o Sínodo de 2012, e o Papa Francisco fez dele o tema central da sua exortação *Evangelii Gaudium*.

Nesta busca, o CPM dá o seu contributo com a sua experiência e com a sua convicção. O CPM move-se em grupos reduzidos de diálogo nos quais é possível a palavra e a resposta, a interpelação e a amizade. Naturalmente, não se pode pretender em todos os lugares diálogos deste estilo. Mas é possível assinalar umas características e umas atitudes que os diálogos CPM procuram realizar.

O âmbito adequado da nova evangelização da nossa gente é, por parte da Igreja, uma atitude de acolhimento e um clima de diálogo com este mundo complexo e cheio de interrogações. Uma atitude disposta a valorizar o que há de positivo, marca do Espírito de Deus em todos, e a caminhar conjuntamente na procura da vida autêntica para todos, e a propor o Evangelho do amor e da paz, com um respeito sincero ao processo e às opções de todos. Cremos que esta é a maneira como a Igreja deve entender o seu lugar no mundo e é, ao mesmo tempo, o âmbito para conseguir o que ela pretende como objectivo da sua missão evangelizadora: o caminho pessoal e livre de cada um no amor e na fé.